



## MEMÓRIA E HISTÓRIA DA COMUNIDADE DE BARREIRAS NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

**BRONZONI, Marcela Lopes<sup>1</sup>**  
**SALIM, Maria Alayde Alcântara<sup>2</sup>**

### Resumo

Este trabalho investiga as memórias da comunidade tradicional de pescadores artesanais de Barreiras, em Conceição da Barra/ES, e sua potencialidade como recurso pedagógico no ensino de Língua Portuguesa. A pesquisa parte do reconhecimento de que essas narrativas da comunidade nem sempre encontram espaço no contexto escolar, o que pode favorecer o distanciamento das práticas pedagógicas em relação à realidade sociocultural dos estudantes. O estudo busca compreender de que modo as memórias da comunidade podem contribuir para a valorização da história local e práticas de letramento crítico, articulando memória, identidade e linguagem. A metodologia baseia-se na história oral, com realização de entrevistas, registros em áudio e fotografia, seguidos de transcrição e transcrição dos relatos. O referencial teórico apoia-se em autores que discutem memória e identidade (Le Goff; Benjamin; Bosi; Candau), história oral e narrativas (Thompson; Meihy; Portelli) e educação e linguagem (Bakhtin; Vygotsky; Street; Freire). Como resultado, prevê-se a produção e distribuição de um livro, voltado à divulgação das narrativas locais. Conclui-se que o ensino de Língua Portuguesa, ao incorporar essas memórias, favorece práticas de letramento situadas e fortalece os estudantes como sujeitos responsivos e ativos.

**Palavras-chave:** História oral. Memória. Identidade cultural. Ensino de Língua Portuguesa. Comunidade ribeirinha.

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras pelo Centro Universitário Castelo Branco e em Pedagogia pela Universidade de Uberaba. Especialização em Supervisão Escolar e em Psicopedagogia. Mestranda em Ensino na Educação Básica pelo Centro Universitário Norte do Espírito Santo/ Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: marcela.bronzoni@edu.ufes.br

<sup>2</sup> Graduada em História pela Universidade Federal do Espírito Santo. Especialização em História Social pela Universidade Federal do Espírito Santo. Mestra em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo. Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo. E-mail: maria.salim@ufes.br





## Introdução

Após mais de 20 anos dedicados à sala de aula e à função de pedagoga, da Educação Infantil ao Ensino Médio, entre a rede privada e pública, de São Gabriel da Palha para São Mateus, em 2019 ingressei na função de Supervisora Escolar<sup>3</sup>, na Superintendência Regional de Educação de São Mateus. A partir de então, passei a observar de forma mais intensa o quanto o território é pouco visto/discutido e isso favorece a criação de um cenário de desvalorização cultural, perda de identidade e de esquecimento da memória coletiva, até mesmo pelo fato dessas memórias serem pouco valorizadas.

Durante a pandemia de Covid-19, minha família adquiriu um lote às margens do Rio São Mateus, na comunidade de Barreiras, em Conceição da Barra/ES. Esse rio, que recebe o nome de São Mateus ao adentrar o município homônimo, é amplamente reconhecido pelos moradores da região como Rio Cricaré<sup>4</sup>. A convivência mais próxima com esse território me permitiu observar de perto o dia a dia dos moradores ribeirinhos e pescadores artesanais, tradições, formas de resistência e desafios enfrentados coletivamente pela comunidade.

Os moradores dessa comunidade são, em sua maioria, descendentes de povos originários, que resistiram e se reorganizaram no território após os processos de colonização, já que essa localidade é a porta de entrada da ocupação do município de São Mateus. Essa população, embora marginalizada por longos períodos da história oficial, conserva memória rica em experiências, saberes tradicionais e práticas culturais, como devoção a São Benedito, o jongo e as festas populares<sup>5</sup>.

---

<sup>3</sup> A Supervisão Escolar, tem por finalidade zelar pelo cumprimento das normas gerais da educação, acompanhando no âmbito de sua competência o desenvolvimento das atividades de ensino nas escolas públicas, estaduais e municipais, e privadas, prestando orientação técnica e contribuindo para a melhoria contínua da qualidade da aprendizagem do aluno e dos serviços educacionais no Estado.

<sup>4</sup> A historiografia capixaba atribui ao padre José de Anchieta a alteração do nome do rio de Cricaré para São Mateus. Registros do século XVI, como o Roteiro Geral ou Tratado Descritivo do Brasil, de Gabriel Soares de Sousa, e os Tratados da Terra e da Gente do Brasil, do padre jesuíta Fernão Cardim, mencionam a região entre Porto Seguro e o Espírito Santo, destacando a fertilidade de suas terras e a referência ao Rio Cricaré, embora sem definir precisamente os limites das capitania. (SANTOS, Sofia Maria Valente Simões dos. São Mateus: do lugar à vila. 2017. Dissertação [Mestrado em Arquitetura e Urbanismo] — Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Centro de Artes, Universidade Federal do Espírito Santo, p. 15.)

<sup>5</sup> Essas manifestações estão detalhadamente descritas na dissertação de Mestrado de MACHADO, Vitor Hugo Simon. O ciclo de festas para São Benedito das Piabas. Vitória: Universidade Federal do





A motivação para o desenvolvimento desta pesquisa surgiu da percepção de um movimento de degradação da memória da população de Barreiras, que representa aspecto muito rico para história local. Nesse sentido, Thompson (1992, p. 21) destaca que “por meio da história local, uma aldeia ou cidade busca sentido para sua própria natureza em mudança, e os novos moradores vindos de fora podem adquirir uma percepção das raízes pelo conhecimento pessoal da história”.

Como observa Le Goff (2013) a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade - coletiva ou individual - cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades nos dias atuais.

Nessa perspectiva, Candau (2023) destaca que:

A memória, ao mesmo tempo em que nos modela, é também por nós modelada. Isso resume perfeitamente a dialética da memória e da identidade que se conjugam, se nutrem mutuamente, se apoiam uma na outra para produzir uma trajetória de vida, uma história, um mito, uma narrativa (Candau, 2023, p. 16).

A memória, portanto, não é mero repositório de fatos antigos, mas uma força dinâmica que reorganiza o presente, atribui sentidos e reposiciona sujeitos. Bosi (2023, p. 49) salienta que “pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, ‘desloca’ estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência”. Esse entendimento reforça a necessidade de investir em práticas educativas que aproximem escola, território e memória social.

Para a autora, “do vínculo com o passado se extrai a força para formação de identidade” (Bosi, 2022, p. 16). Assim, quando as memórias coletivas são desvalorizadas ou silenciadas, enfraquece-se também a possibilidade de que indivíduos e grupos reconheçam seus pertencimentos, suas continuidades históricas e a legitimidade de seus modos de existir no mundo.

Pensar em identidade ressalta a necessidade de interação entre as pessoas nos mais variados ambientes de convivência social. É um processo em que os sujeitos buscam atribuir sentidos a si mesmos, ao outro e ao espaço em que vivem. E essa busca pelo autoconhecimento e pelo reconhecimento coletivo não pode se restringir

---

Espírito Santo, 2011. O autor analisa o papel simbólico e social dessas festividades na constituição identitária e religiosa da comunidade de Barreiras.





a padrões impostos pela cultura hegemônica (Serafim; Salim; Quinquin, 2020, p. 4). Sob essa ótica, Serafim (2020, p. 18) lembra que é fundamental “pensar a história e a cultura local como referência de identidade”.

Dessa forma, justifica-se, portanto, a relevância de valorizar a história da comunidade tradicional de pescadores artesanais de Barreiras, em Conceição da Barra, por meio do registro das memórias de seus moradores. Como adverte Benjamin (2012, p. 65), “só essa linguagem de prontidão mostra-se efetiva à altura do momento”, o que nos convoca a reconhecer a potência das narrativas locais e das vozes que, em sua expressão situada, resistem ao apagamento histórico.

Do ponto de vista educacional, nas aulas de Língua Portuguesa, as memórias da comunidade tradicional de pescadores artesanais de Barreiras podem vir a ampliar os repertórios dos estudantes e favorecer a valorização da diversidade étnico-cultural no currículo. Essas narrativas possibilitam atividades de leitura, escrita, oralidade e interpretação ancoradas em experiências reais e próximas dos discentes, fortalecendo seus vínculos com as próprias raízes e com seus lócus de enunciação. Nessa perspectiva, é essencial reconhecer que “toda a parte verbal de nosso comportamento (quer se trate de linguagem exterior ou interior) não pode, em nenhum caso, ser atribuída a um sujeito individual considerado isolado” (Bakhtin, 1980, apud Brait, 2005, p. 55), o que evidencia a natureza social e dialógica da linguagem e sustenta práticas pedagógicas que se articulam aos contextos socioculturais dos estudantes.

Nessa direção, ao compreender que a produção de sentidos emerge das interações entre sujeitos, linguagem e contextos socioculturais, reconhece-se que a integração das memórias dos pescadores artesanais às práticas pedagógicas amplia as possibilidades de participação ativa dos estudantes no processo educativo. Conforme afirma Vygotsky (2008, p. 9), “cada ideia contém uma atitude afetiva transmutada com relação ao fragmento de realidade ao qual se refere”, o que indica que a construção de sentido é atravessada por dimensões afetivas e valorativas inseparáveis do diálogo social.

Sob esse olhar, trabalhar com as narrativas da comunidade não se restringe à valorização da história local, mas constitui uma forma de potencializar a construção de sentidos no ensino da Língua Portuguesa, uma vez que incorpora às práticas educativas as experiências e perspectivas de sujeitos historicamente silenciados. Nesse movimento, a compreensão de que cada estudante elabora significados a partir





de sua inserção social e de suas relações afetivas reforça a necessidade de uma pedagogia que reconheça e legitime essas vozes. Como afirmou Paulo Freire (2025, p. 42), "Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador (...)."

Essas narrativas comporão um livro que reunirá as histórias coletadas, constituindo-se em um recurso pedagógico para professores, nas aulas de Língua Portuguesa. A partir desse entendimento, Street (2014) defende que o ensino de língua deve ir além do domínio funcional e favorecer a compreensão da natureza social e ideológica das formas de linguagem utilizadas em diferentes contextos. Ao incorporar essas memórias ao processo educativo, abre-se a possibilidade de desenvolver práticas de letramento que dialoguem com a realidade cultural dos estudantes e favoreçam a compreensão de como a língua se articula a contextos históricos, sociais e identitários.

Assumindo esse referencial, que evidencia a centralidade da linguagem na constituição de sentidos, identidades e vínculos sociais, delineia-se o eixo central desta investigação. Diante de tais constatações, o problema de pesquisa fundamenta-se no seguinte questionamento: Como as memórias da comunidade tradicional de pescadores artesanais de Barreiras, em Conceição da Barra/ES, podem contribuir para a valorização da história local e para o ensino de Língua Portuguesa?

Os objetivos desta pesquisa foram definidos de modo a articular as memórias da comunidade ribeirinha de Barreiras com a prática pedagógica no ensino de Língua Portuguesa, compreendendo a linguagem como um fenômeno social, histórico e dialógico.

Objetivo geral: Investigar como as memórias da população ribeirinha de Barreiras, em Conceição da Barra/ES, podem contribuir para a valorização da história local e para o ensino de Língua Portuguesa.

Objetivos específicos:

- pesquisar o contexto histórico, social e econômico da comunidade ribeirinha de Barreiras e o perfil dos participantes da pesquisa;
- explorar como os saberes e práticas culturais da comunidade ribeirinha podem ser integrados ao ensino de Língua Portuguesa, aproximando a escola da realidade sociocultural dos estudantes; e





- produzir, por meio da história oral, um livro (registro das memórias) a ser compartilhado com a comunidade e com as escolas da região.

## 1 Metodologia

A análise dos dados será conduzida de forma qualitativa, voltada às histórias de vida e memórias dos participantes, fundamentada no método da história oral, articulando-se à pesquisa bibliográfica e documental, o que permitirá compreender o contexto histórico, social e econômico da comunidade ribeirinha de Barreiras e correlacionar elementos de sua história, cultura e práticas econômicas.

Conforme aponta Portelli (2021, p. 10, grifo do autor), “a história oral, então, é primordialmente uma *arte da escuta*”. Nesse sentido, a escuta atenta e respeitosa das memórias dos sujeitos participantes torna-se o eixo fundamental da investigação, uma vez que as experiências vividas pela comunidade ribeirinha de Barreiras, em Conceição da Barra, são os pilares para o resgate e a valorização de sua história local.

A seleção dos sujeitos ocorrerá com base em indicações locais, priorizando moradores mais antigos da comunidade. As entrevistas abordarão aspectos socioeconômicos, culturais e identitários, considerando a história oral como método que valoriza a narrativa subjetiva e contextual, ouvindo a 10 (dez) moradores e os registros serão em áudio e fotográfico. Antes do início das entrevistas, o projeto será apresentado aos interlocutores de forma simplificada e esclarecedora, conforme recomendam Meihy e Seawright (2020), possibilitando que compreendam suas intenções, justificativas, objetivos e procedimentos.

Thompson (1992, apud Meihy; Holanda, 2023, p. 83) destaca que a história oral “cria uma relação mais ativa entre o pesquisador e o grupo estudado, devolve a história às pessoas que ajudaram a fazê-la e estimula uma nova consciência de si mesmas”. Por isso, esta pesquisa não apenas pretende ouvir e registrar as memórias da comunidade, mas também garantir a devolutiva do conhecimento gerado, por meio da organização dessas histórias em livro, no formato digital e impresso, tornando-as acessíveis às escolas e à comunidade em geral.

O enfoque qualitativo considera, como afirmam Meihy e Holanda (2023), a história oral como uma história viva, indissociável do tempo presente e das





experiências que formam a identidade de um grupo. Nessa etapa, a transcrição dos relatos para a organização do livro se tornará uma prática central. Segundo Meihy e Seawright:

a transcrição parte da insuficiência do dito em sua transposição literal para o escrito e, ao lançar mão de recursos ficcionais no interior do texto durante a materialização da escrita, promove recriações, ajustes e outras acomodações de palavras, pontuações, frases e parágrafos que realçam o papel de mediador conferido ao diretor do projeto de pesquisa e selam a colaboração culminada conferência e autorização do produto escrito pelo entrevistado (Meihy; Seawright, 2020, p. 23–24).

Ao final do processo, as narrativas serão organizadas e distribuídas em um livro, nos formatos digital e impresso, que será disponibilizado tanto para a comunidade quanto para as escolas da região, constituindo-se em material pedagógico voltado à valorização da história local e ao ensino de Língua Portuguesa. Assim, ao circular novamente entre os sujeitos que lhe deram origem, as histórias produzidas não apenas preservam a memória local, mas reinserem essas vozes no movimento vivo da linguagem. Essa postura está em consonância com Meihy e Holanda (2023), que ressaltam os compromissos comunitários inerentes à história oral, enfatizando a importância ética de retornar os resultados ao grupo que possibilitou a pesquisa.

## 2 Considerações finais

Diante dos objetivos desta pesquisa, evidencia-se que integrar o território às práticas pedagógicas fortalece a função social da escola e reafirma a identidade coletiva dessa comunidade. Nesse percurso, a memória assume papel essencial, pois, como aponta Benjamin (2012, p. 245), ela não é um simples instrumento de acesso ao passado, mas o meio em que as vivências permanecem.

A escola, ao reconhecer o território como espaço produtor de saberes, amplia significativamente sua função social e formativa. Como destaca Volóchinov, “uma palavra nos lábios de um único indivíduo é um produto da interação viva das forças sociais” (2025, p. 140), o que evidencia que nenhuma prática linguística pode ser compreendida fora das relações que a constituem. Nessa perspectiva, a valorização das memórias de Barreiras desloca o ensino de Língua Portuguesa de uma prática





centrada em competências técnicas para uma abordagem dialógica, crítica e situada. Essa mudança reposiciona o estudante como sujeito histórico, inserido em uma cadeia de enunciados que atravessa gerações e que, ao ser mobilizada em sala de aula, contribui para a construção de identidades mais conscientes, fortalecidas e partícipes de sua própria herança cultural.

À luz dessas reflexões, torna-se fundamental compreender que o ensino da língua só se efetiva plenamente quando observado em seu ambiente social concreto. Como afirma Volóchinov, “Para observar o processo de combustão, é necessário colocar o corpo no ambiente atmosférico. Para observar o fenômeno da língua, é necessário colocar os sujeitos falante e ouvinte, bem como o próprio som, no ambiente social” (2025, p. 145). Ao trazer o território, as memórias e as vozes da comunidade para o centro das práticas educativas, reafirma-se que a linguagem é sempre histórica, viva e situada, e que sua compreensão exige o reconhecimento dos sujeitos e dos contextos que lhe dão forma e significado.

## Referências

BAKHTIN, M.M. **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido.** Organização de Beth Brait. 2<sup>a</sup> ed. rev., 7<sup>a</sup> reimpressão. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005 [2023].

BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única.** Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. 6. ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 2012. (Obras Escolhidas, v. 2).

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. 5. ed. rev. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória:** ensaios de psicologia social. 4. ed. São Paulo: Ateliê Educacional, 2022.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade.** Tradução de Maria Letícia Ferreira. 1. ed., 9. impr. São Paulo: Contexto, 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 80. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2025.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Tradução de Bernardo Leitão [et al.]. 7<sup>a</sup> ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2013. 5<sup>a</sup> reimpressão, 2023. (387 – 440)





MACHADO, Vitor Hugo Simon. **O ciclo de festas para São Benedito das Piabas.** 2011. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2011.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral:** como fazer, como pensar. 2. ed., 11ª impressão. São Paulo: Contexto, 2023.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; SEAWRIGHT, Leandro. **Memórias e narrativas:** história oral aplicada. São Paulo: Contexto, 2020.

PORTELLI, Alessandro. **História Oral como arte da escuta.** São Paulo: Letra e Voz, 2016. 1ª reimpressão 2021.

SANTOS, Sofia Maria Valente Simões dos. **São Mateus:** do lugar à vila. 2017. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Centro de Artes, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017.

SERAFIM, Lielle. **A Construção da identidade histórico-cultural no espaço escolar:** uma experiência de trabalho com a dança afro no ensino de educação física. 2020. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) - Programa de Pós-Graduação em Ensino na Educação Básica, Universidade Federal do Espírito Santo, São Mateus, 2020.

SERAFIM, Lielle.; SALIM, Maria Alayne Alcantara; QUINQUIM, Marli. **A construção da identidade histórico-cultural no espaço escolar e o ensino de educação física.** Research, Society and Development RESEARCH, v. 9, p. 1-25, 2020.

STREET, Brian. **Letramentos Sociais:** abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Tradução Marcos Bagno. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2014. 6ª reimpressão, 2024.

VOLÓCHINOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. 4. ed. São Paulo: Editora 34, 2025.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado:** história oral. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Pensamento e linguagem.** Tradução de Jefferson Luiz Camargo; revisão técnica José Cipolla Nelo. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008. 5ª reimpressão 2023.

